

## O TÍTULO do CORPO: um percurso mitológico

Helena Pessôa

Tomando como base principal uma bibliografia em sua maior parte referente à Mitologia Grega<sup>1</sup>, projetei uma pesquisa etnográfica, contando, evidentemente, apenas com essas fontes secundárias. Nelas foram identificados e classificados, segundo sua *natureza mitológica*, cerca de mil personagens. O procedimento metodológico reportou-me a um possível campo, **etnografia mitológica**<sup>2</sup>, sem, contudo, vinculá-lo diretamente ao domínio específico da etnologia ou mitologia clássica, principalmente por não ser desta última um estudo de especialista.

A idéia inicial para esse trabalho surgiu durante a leitura de algumas referências feitas por estudiosos do assunto, a exemplo de:

**Jacqueline de Romilly**, em seu “*Fundamentos de Literatura Grega*”, cita o *Catálogo de Mulheres* como sendo atribuído a Hesíodo *mas que tudo se perdeu...*

**Junito Brandão**, em sua “*Mitologia Grega*” diz: *Hesíodo anunciou um Catálogo de Mulheres, mas não foram encontrados os manuscritos...*

**Paul Harvey**, no seu “*Dicionário Oxford de Literatura Clássica*”, incluiu um verbete sobre o *Catálogo de Mulheres: teria sido escrito por Hesíodo<sup>3</sup> ou por alguém que lhe imitou (...)* seria relativo a *um poema sobre as heroínas, mas do qual apenas alguns fragmentos foram conservados...*

Por minha formação profissional de pesquisadora haveria quase que naturalmente de seguir um método: todavia, nesse estudo, estaria mais como a *observadora*, tomada pelo impulso de olhar o antigo com novo olhar...

---

<sup>1</sup> **BRANDÃO, Junito de Souza.** *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega.* Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992. **KURY, Mário da Gama.** *Dicionário de Mitologia Grega e Romana.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. **SCHMIDT, Joël.** *Dicionário de Mitologia Grega e Romana.* Lisboa: Edições 70, 1985. **HARVEY, Paul.** *Dicionário Oxford de Literatura Clássica, Grega e Latina.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1987. **CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain.** *Dicionário de Símbolos.* Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1999. **MARTINEZ, Constantino F., FERNANDEZ-GALIANO, Emilio, MELERO, Raquel L.** *Diccionario de la Mitología Clásica.* VOLS. 1 e 2. Madrid: Alianza Editorial S. A.1980. **BRUNEL, Pierre.** Organização: *Dicionário de Mitos Literários.* Rio de Janeiro: Editora UNB/José Olympio Editora, 1998. **ROMILLY, Jaqueline,** *Fundamentos de Literatura Grega.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

<sup>2</sup> “Etnografia, portanto, e ainda no país imaginário da mitologia, *acqua alta* ou sedento como Argos, em escrita dupla, a dos calígrafos do Egito ou em escrita grega para os analfabetos, inclusive deuses. Atalhos sim.” **DETIENNE, Marcel,** *A Escrita de Orfeu,* Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991, pág. 9.

<sup>3</sup> Segundo Paul Harvey, “A originalidade de Hesíodos consiste no fato de ele Ter sido o primeiro poeta grego a procurar seu assunto” (...) em outras fontes. “Ele incorpora a “Os trabalhos e os Dias” máximas de ordem éticas e conselhos práticos derivados de sua própria existência, adaptando-os à vida de um camponês.” pag.271

Assim, como se fora numa *invocação* às *theat*<sup>4</sup>, ou seja, às deusas, e às *musas* e às *moiras*<sup>5</sup>, ampliando a bibliografia para além dos dicionários, obtive uma maior aproximação das *personagens mitológicas*: procurava algo que pudesse ocupar o lugar do *discurso recorrente*, sabia no entanto, que se tratavam de *representações* efetuadas quase que inteiramente pelo masculino; assim mesmo, as letras pululavam falando de uma **Géia** inicialmente *partenogenética*, a lembrar a nossa desana Yebá beló<sup>6</sup>, e de uma **Nix** multiplicando-se na *cissiparidade*...

Entretanto, por que não intitulei também esse estudo de *Catálogo de Mulheres*? Primeiro, porque não sendo uma *helenista*, não ousaria ir em busca daqueles *fragmentos conservados*. Segundo, porque ao proceder a consulta inicial às fontes especializadas, difícil mesmo foi encontrar algum personagem chamado de **mulher!**

*O que quer uma mulher? A mulher é não toda! Não se nasce mulher, torna-se!* Sigmund Freud, Jacques Lacan e Simone de Beauvoir, respectivamente, foram alguns dos que impregnaram a visão ocidental moderna, de tal forma que hoje essas frases funcionam quase como clichês, como esta outra: *Freud explica!* Mas, aproximadamente há dois mil e setecentos anos (meados do S.VII<sup>a</sup> C.), Safo, a poetisa de Mitilene, já escrevera: *eúkampton gâr áei thêly - como é versátil a alma da mulher!*<sup>7</sup>

Continuando a olhar... então, no primeiro ano de pesquisa, cada vez mais me certificava de que os personagens deveriam ser separados: mas sob qual critério? Pelo gênero? No início pareceu ser uma questão meramente formal: masculino, feminino e neutro. Separando os personagens masculinos e os neutros de um lado, listaria o restante como **femininos**.

Poderia, no entanto, listar seguramente os outros personagens com o título de *Catálogo do Feminino na Mitologia Grega*? Não foi o que me assegurou o *feminismo*, a *psicanálise* e, muito menos o recente campo do *gênero*; parece até que juntos combinaram conduzir o uso do termo **feminino**, intrincando-o em *constituições* de tal maneira complexas, algumas vezes tão *labirínticas* que a nomeação por diferença sexual exige, hoje, uma *ritualística* própria.

---

<sup>4</sup> LORAUX, Nicole. *O que é uma deusa?*, in: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. *História das Mulheres. A Antigüidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

<sup>5</sup> Segundo Hesíodo, eram três as *moiras*: Átropos, Clotó e Láquesis. Passaram a significar com o tempo, o *destino* de todas as criaturas humanas e de cada uma delas, e fixando desde o nascimento a duração da vida e seu curso mediante *um fio que uma delas fiava, outra enrolava e a terceira cortava quando chegava a hora prefixada para a morte*. KURY. op. cit. pág. 1. V. verbete Moiras, pág. 270.

<sup>6</sup> *Mulher que brota de si mesma, surge suspensa sobre seus bancos mágicos... Ela própria se chamava de Terra, avó do universo*, in KUMU, Umúsin Panlõn, KENHÍRI, Tolomã. *Antes o Mundo não Existia. (A Mitologia dos índios Desâna)*, São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1980, pág. 51.

<sup>7</sup> HARVEY. op. cit. pag. 1. Ver Verbetes SAFO, pág. 451.

Não requerendo essa pesquisa, enquanto objeto, uma *desconstrução* desses campos,<sup>8</sup> optei por me socorrer, a princípio para nomeá-lo, da imagem *desnuda* da biologia, surgindo assim o *título do corpo*: **Catálogo do Fêmeo na Mitologia Grega**. E essa nomeação foi fundamental para prosseguir com as fontes de que me servia, podendo distinguir personagens as mais variadas: *divindades, entidades, monstros...*<sup>9</sup> Desde que, deixando em separado o Andrógino, o Hermafrodito, e todos aqueles de *dupla natureza*.<sup>10</sup>

Hoje, tendo avançado bem mais nas leituras do campo específico da Mitologia Grega, percebo aqueles trabalhos que são simples narrações descompromissadas, daquelas pesquisas avançadas, realizadas provavelmente, visando a um público especializado, como é o caso, por exemplo, dos estudos de Jean-Pierre Vernan, Pierre Vidal Naquet e Marcel Detienne.

No caso de estudos de Mitologia que têm *mulher* como tema específico, não poderia deixar de lembrar o significativo “*Mulher e Mito*”, de Georges Devereux, sobretudo por sua abordagem no campo da etnopsicanálise, e os trabalhos da especialista em História e Antropologia da Cidade Grega, Nicole Loraux, que encontra na tragédia uma maneira de falar de *mulheres em si morrendo...*, como as suas heroínas do livro “*Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher*” (*Imaginário na Grécia Antiga*)<sup>11</sup>.

Embora faltando bem mais da metade para completar a pesquisa, já se pode inferir que uma heroína é, certamente, uma mulher, mas é de pura incompletude o *ser heroína*. Quanto a necessária junção dos conceitos *natureza* e *cultura*, permitindo trabalhar num campo biocultural, não se vislumbrou, mesmo assim, um *feminino outro* que não a imagem da bailarina num infinito *grand jeté!*<sup>12</sup>

Contudo, para ocupar um lugar próprio, isto é, de *mulher*, foi por obra do *divino* na Mitologia Grega que surgiu *Pandora*, a primeira e - de *mítica fabricação* – *presente-vingança* dos deuses do Olimpo para os mortais. Condição da Humanidade, formada de seres masculinos e femininos, nela foi a parte homem a fundar o *patriarcado*: lugar do pai? Mas, em um possível *matriarcado*<sup>13</sup>, apenas se confirma a *mãe*, não a *mulher!*

---

<sup>8</sup> Dos três campos, o do *gênero* me parece atualmente o mais problemático, pois vem sendo alvo de um modismo tamanho que logo teremos em vez de *Freud explica, o gênero explica!*

<sup>9</sup> “Cada sexo pode ser distorcido pela presença do outro tanto quanto lhe poderá receber um sentido mais pleno de si próprio. As duas soluções são possíveis; nenhuma é inevitável. Somente a negação da vida torna possível negar a interdependência entre os sexos” Lembrando: “A Cada Um o Seu” pág. 276, in MEAD, Margaret. Macho e Fêmea. Petrópolis: Vozes, 1971

<sup>10</sup> (...) “Os estoicos, compreenderam a operação de concordância em gênero e perceberem a falta de correspondência entre gênero e sexo, apontando como função do artigo indicar o gênero e o número do nome a que se junta.” in, **NEVES, Maria Helena de Moura**. A Vertente Grega da Gramática Tradicional. Brasília: HUTICEC; Editora Universidade de Brasília, 1987, pág. 179.

<sup>11</sup> Textos de Erudição & Prazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988.

<sup>12</sup> Termo referente ao balé clássico: um salto no ar com as pernas em escala.

<sup>13</sup> **BACHOFEN, J. J.** El Matriarcado. Madrid: Ediciones Akal, 1992.

Sendo a **mulher**, ao meu ver, produção inteiramente da *cultura*, teríamos que, respeitadas suas diversas e complexas *personas* culturais, aceitar essa essencialidade plural, sendo primeiramente **mulheres**, para, dessa forma, em cada caso, poder *se sentir una*, reivindicando *o ser* com título de: **mulher**. E, assim, requerendo maior avanço e rigor numa *epistème* do **sujeito mulher**.<sup>14</sup>

Dessa forma, esse procedimento possibilitaria que, na composição futura dos **verbetes** do Catálogo, as características próprias que ligam cada *personagem* aos seus **mitemas** e **mitologemas** principais pudessem ser destacadas. Além de demarcar durante a pesquisa, aquilo que inicialmente chamamos de  **fatos míticos**.<sup>15</sup> *iniciação, raptó, loucura, suicídio, incesto, filicídio, matricídio, sacrifício*, entre tantos outros que já foram demarcados, e aqueles que serão durante a continuação do trabalho.

Dada a impossibilidade de uma arqueologia dos poemas das *heroínas hesiódicas*, esse trabalho seria uma obra do **resgate possível** e de **referência** onde os leitores que buscam informações sobre personagens como *entidades, deusas, ninfas, nereidas, magas, pitonisas, heroínas* e outros mais, encontrariam através dos verbetes uma compreensão mitológica da realidade da nossa cultura, tal como pode ser observado nas expressões artísticas de nossa *estatuária*, na origem de nossa *língua* e suas expressões a exemplo : *o fio de Ariadne, Musa inspiradora, enigma da Esfinge, a caixa de Pandora, afrodisíaco, andrógino...* Além disso, resolveria uma situação lacunar de guias para escolha de nomes próprios de origem grega, que leva, muitas vezes, as pessoas, principalmente as leigas e aquelas que tiveram uma formação curricular técnica, a portar ou fazer uso de nomes, sem saber de sua *expressividade*. Electra, Ifigênia, Medusa, Calíope, Circe, Climene, Hermafrodito, Hebe etc.

Não conheci outro trabalho que apresentasse tal *especificidade* em língua portuguesa, espanhola, italiana e francesa. Em breves averiguações, com amigos que dominam o grego, o alemão, ou até mesmo no inglês, não me deram notícia da existência de um dicionário ou catálogo na Mitologia Grega que trate exclusivamente do *fêmeo*. É claro que não pretendi organizar uma obra no âmbito especializado dos estudos de literatura clássica, helenista ou mesmo em Mitologias Grega e Romana.

Como está relatado acima, foi como antropóloga que comecei a consultar as fontes de Mitologia clássica para estudos relacionados às mulheres. Foi simplesmente assim que foi se dando o meu *encantamento*, e a minha *iniciática*. Mas isso não ocorreu impunemente: há mais de três anos, essas gregas me enredaram, pedindo para mesmo que ainda como coadjuvantes, se tornassem visíveis na **fala-mito** de suas epopéias.

Quanto aos verbetes do Catálogo, já organizados na letra **A**, escolhi dentre os noventa e quatro, um deles como exemplo dessa pesquisa.

---

<sup>14</sup> Mulher: aquém e além do *gênero*; campo (*queer?*), mais que *pós-moderno* para atender a alguns, ao mesmo tempo tão *radical-chique* que não deixaria de atender aos demais! Seria necessário ainda responder a Freud... Em Lacan, visitar sua fórmula de uma *mulher não toda*, talvez só para acrescentar *o mais e o menos...* A Beauvoir lembrar que, sendo "**o existencialismo um humanismo**", *o não nascer mulher é o que é realizável o tornar-se é construção interminável!*

<sup>15</sup> Elementos fundamentais para construção do *tesauro*. Ver nota 14.

**Ariadne.** *Heroína. Princesa.* Filha de Minos, rei de Creta e de Pasifae. Neta de Hélio; sobrinha de Cirse e prima de Medéia, duas grandes *magas*. O herói ateniense Teseu foi a Creta para lutar com o temível Minotauro, monstro de corpo de touro e tronco de homem, que vivia no *labirinto*, construído junto com o palácio pelo inventivo arquiteto Dédalo. Cnossos era também conhecido como o palácio da *bipene*.<sup>16</sup> Ariadne logo se apaixonou por Teseu, e para que este, após matar o monstro, encontrasse o caminho de volta, deu-lhe um *novelo de fios*<sup>17</sup>, repassando-lhe as instruções recebidas de Dédalo para que fosse usado como condutor na saída do *labirinto*. Mas a ajuda de Ariadne a Teseu estava sob a promessa de que, sendo vitorioso em tal prova, ele deveria casar-se com ela e levá-la para Atenas. Até certo ponto Teseu cumpriu o trato: morto o Minotauro, ele e seus treze acompanhantes providenciaram a destruição dos navios cretenses para não serem perseguidos, pois Teseu levava consigo a filha do rei Minos. O navio em que seguiam fez uma escala em Naxos. Mas quando Ariadne acordou na manhã seguinte viu que havia sido abandonada na praia. Avistou, ainda, no horizonte, o navio de velas pretas do seu amado. Há duas versões principais para o abandono de Teseu: uma é a de que ele simplesmente levava Ariadne até a praia porque ela estava muito enjoada da viagem; retornando ao barco para fazer algum reparo, teria sido levado por um vento forte e quando conseguiu voltar já a encontrou morta; outra é a de que Teseu fora forçado a deixar Ariadne em Naxos porque o deus Dioniso, apaixonado pela princesa cretense, tê-la-ia *raptado* durante a noite. De qualquer forma *o fio de Ariadne* nos restou como expressão para *indicar o caminho... Caminho às cegas, quando se tratar de labirinto amoroso!*

O Catálogo combinado a um *tesauro*<sup>18</sup> poderá, por exemplo, possibilitar o uso de uma linguagem poética:

Lembro que te dei o fio condutor à *iniciática* do labirinto.

Fio artimanha do fiar feminino.

Velo símbolo. Mágica teia.

Fiei em ti: na urdidura prometida.

Fiamos na combinação que o salvou.

Algum monstro irmão venceste?

Navegávamos...

Mas onde estou?

---

<sup>16</sup> Espécie de pequeno machado de dois gumes usado em rituais.

<sup>17</sup> Ver o belo capítulo "As Fiandeiras", in BRUNEL, op. cit. pág. 1.

<sup>18</sup> Tesauro, do latim "thesaurus" tesouro, pode ser usada como dicionário, mas suas características não são de ordenar palavras em ordem alfabética simplesmente. (...) "a primeira é que as palavras nele listadas não descrevem, mas antes significam: cada palavra é um conceito. Sendo assim, estas palavras que designam conceitos, não são mais simples palavras, tornam-se "termos", ou ainda "descritores". A Segunda característica é que todos os termos estão relacionados entre si: nenhum termo pode figurar no tesauro sem estar relacionado a algum outro, sendo esta relação determinada pelo seu significado." In, BRUSCHINI, Cristina, ARDAILLON, Danielle, UNBEHAUM, Sandra, G. Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres. São Paulo: Editora 34, 1998.

Avisto ao longe negra techedura. Velas da tua nau?  
Então ocultavas outra trama: exclusão de mim!?  
Agora sozinha nesta praia, emaranhada...  
Com ela nenhum fio ele deixou: enigma!  
Dunas, dunas, dunas, areia, areia, areia.  
*Labirintos*: requerendo heroína iniciação:  
**Ariadne** desfiará cuidadosamente as próprias  
vestes, enovelando a bipene invertida.  
Observando Pontos, lembrará Circe.  
Clamará a Hélios, sem esquecer Medéia.  
Invocará Selene, irmanando Aracne.  
Gesta ancestral: pertença ao sexo:  
ritual dos rastros fêmeos recriando  
o fio primordial!

Mar da Caatinga, agosto de 2002.